

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Quem teve, como eu, a oportunidade de assistir na praça de São Pedro, no Vaticano, à beatificação de monsenhor Escrivá, dificilmente vai esquecê-la, pois a impressão que essa cerimônia produziu foi das que permanecem. Para muitos, o evento foi sobretudo revelador de realidades muito simples a respeito de monsenhor Escrivá e da Opus Dei, de “velhas novidades”, que a imprensa romana comentou não sem certa surpresa:

Em primeiro lugar, lá se via uma imponente manifestação de afeto e devoção para com monsenhor Escrivá. Quase 300 mil pessoas dos cinco continentes estavam expressando seu sincero agradecimento pelo que significou para elas o testemunho de vida do novo beato, a sua mensagem e a sua obra. Um dos 33 cardeais presentes comentava que Roma não guardava a lembrança de uma manifestação de devoção semelhante desde a canonização de S. João Bosco.

Chamava também fortemente a atenção a variedade do público presente. Havia pessoas de todas as raças e procedências; ao lado de europeus e americanos do sul e do norte, ouviamse conversas em que era difícil discernir se a língua era a do Quênia ou a da Nigéria, das Filipinas ou de Cingapura. Mais do que isto, porém, impunha-se a variedade humana e social. Lá estavam jovens, muitos jovens, aos milhares, e casais com os filhos —tal era o meu caso— e idosos; e gente de relevo, como o primeiro-ministro interino Giulio Andreotti, ao lado de uma grande maioria de classe média e de numerosas pessoas de condição humilde que, com sua simplicidade e alegria indisfarçáveis, colocavam por si entre parênteses a idéia de elitismo atribuída à Opus Dei.

Lá estava presente, sobretudo, o espírito de monsenhor Escrivá, a sua mensagem de santificação na vida diária, no trabalho e nos deveres cotidianos; e a idéia, tão cara ao novo beato, de que o valor de um trabalho não se mede pela consideração social que possa receber, mas pelo amor a Deus e ao próximo com que é realizado.

Na sua homilia, o papa disse: “Numa sociedade em que o afã desenfreado de possuir coisas materiais as converte em um ídolo e motivo de afastamento de Deus, o novo beato nos lembra que estas realidades, criaturas de Deus e do engenho humano, se forem usadas retamente para a glória do Criador e a serviço dos irmãos, podem ser caminho para o encontro dos homens com Cristo”.

Pensei, naquele momento, que se algum bem eu faço com o meu trabalho, a serviço dos outros, da sociedade, do meu país, devo-o ao espírito que aprendi dos ensinamentos de monsenhor Escrivá, e de seus próprios lábios, pois tive a fortuna de conhecê-lo, de conversar privadamente com ele e de experimentar o calor de seu afeto e da sua avassaladora simpatia.

Voltando à crônica, acrescentaria à variedade de pessoas, um terceiro aspecto, também palpável: a normalidade. Certamente, a Opus Dei é, como dizia monsenhor Escrivá, para mulheres e homens normais, gente de trabalho, gente do dever assumido, do amor à família, essa gente discreta que se pode qualificar como o “cristão comum”. Havia na praça emoção filial entre os presentes, refletida na alegria e nas lágrimas mais ou menos furtivas, mas em parte nenhuma se viam convulsões histéricas nem exaltações fanáticas. O clima era de serenidade, de absoluta normalidade.

Caberia registrar ainda o ambiente de profunda religiosidade, de respeito, de silêncio impressionante e oração ao longo das duas horas e meia da cerimônia. Os presentes tinham acorrido a Roma, alguns vindos de longe —como os numerosos brasileiros— ou de muito longe, para participar de uma manifestação de fé, para rezar e dar graças a Deus, para confirmar o que o

papa pediu em sua homilia aos peregrinos ligados à Opus Dei: fidelidade ao exemplo e aos ensinamentos do fundador. Comentando isto, que era o único elo a unir os presentes, um jornalista de “Il Mattutino” escrevia dia 18: “as acusações, as polêmicas da véspera sobre o fundador da Opus Dei pareciam estar à distância de anos-luz”.

Era simpático observar, após a cerimônia, inúmeras turmas de jovens, que permaneceram em pé durante cinco horas na praça, conversarem felizes e bem-humorados enquanto davam conta, sentados no meio fio, da “lauta” refeição de um sanduíche.

Por último, saltava à vista dos presentes outra evidência, a de que a Opus Dei é uma instituição muito estimada na Igreja Universal. Nestes dias romanos pude apreciar, conversando com pessoas —também eclesiais— de diferentes nacionalidades, o apreço que bispos de toda a parte têm pelo trabalho que esta obra realiza em seus diversos países.

Eis um resumo do que eu vi, ou melhor, do que

viram as 300 mil pessoas que lá estavam, e muitas mais que acompanharam a cerimônia pela televisão.

O papa elevou aos altares um homem de Deus, cujo influxo benéfico já se fez sentir no mundo inteiro. Josemaria Escrivá é colocado agora pela Igreja como sinaleiro de caminhos, de ideais de vida cristã encarnada no dever bem cumprido, no trabalho santificado pelo amor, pela perfeição, pela honestidade, pelo desejo de servir, de contribuir à construção de uma sociedade mais equilibrada e justa. Estou convencido que esta mensagem encerra valores de que o nosso país precisa.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, 56, é professor titular de direito da Universidade Mackenzie (SP) e presidente do Conselho Superior de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.